



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

BRASIL E PORTUGAL: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE

ESPAÇOS SOCIAIS DE EXCLUSÃO

Sandra Leila de Paula

Pós Doutora em Sociologia

Programa de Pós Graduação em Sociologia e Antropologia

Instituto de Ciências Sociais

Universidade Federal de Uberlândia/MG/Brasil

sandrleila@uol.com.br

No presente trabalho, nos propomos a pensar as diversas e rearticuladas formas de vivência social, em espaços sociais periféricos, segregados, de exclusão, numa perspectiva comparativa entre Brasil e Portugal, entre centro e periferia do capitalismo atual, considerando as especificidades e generalidades desses espaços, no que concerne às suas complexas e múltiplas relações internas e ampliadas características dos grupos em questão

Partimos do pressuposto que cada espaço social tem a sua dinâmica interna, suas relações, suas características sociais, culturais próprias, porém todas as suas especificidades existem dentro de uma dinâmica capitalista mundial ..

A sociedade produtora de mercadorias imprime uma dinâmica mundial de funcionamento nos diversos lugares em que se instala. Organiza-se em blocos econômicos e políticos que coloca os diversos países em condições distintas na correlação de forças internacionais.

Blocos de países, sociedades e espaços sociais específicos se encontram mais ou menos intregados à dinâmica capitalista atual, a partir do seu histórico, dos seus estágios de desenvolvimento, das relações internas e externas que estabelecem.

O sistema cria, recria, articula, destrói, constrói, reconstrói suas relações, em todos os níveis, no sentido de manter-se e ampliar-se.

Para tal, isso também se dá em cada país, em cada cidade, em cada pequeno espaço social, nas relações objetivas e subjetivas, de modo mais ou menos integrado ou segregado, marginal, excluído, às “franjas” do sistema.

Dessa maneira ocorreu no nosso trabalho, uma vez que escolhemos como objeto da nossa análise investigar blocos e países que ocupam distintas posições nas relações internacionais, embora com características sistêmicas, possuem internamente, espaços



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

de integração e segregação/exclusão, o que permitiu-nos conhecer, analisar, tentar compreender e comparar suas características e relações específicas dentro da dinâmica capitalista ampliada

Partimos do nosso trabalho de Pós doutorado, realizado na Universidade do Porto, que estudou comparativamente as relações centro / periferia em dois países (Brasil e Portugal), nas cidades de Ribeirão Preto (Brasil) e Porto (Portugal), em espaços sociais periféricos e violentos das duas cidades, o bairro periférico do Ipiranga (Ribeirão Preto/Brasil) e o bairro social do Lagarteiro (Porto/Portugal), no intuito de analisar e compreender a organização desses espaços sociais, em suas características e imbricações, identidades e diversidades, especificidades e generalidades, abarcando a organização desses espaços econômicos, sociais e culturais internos, bem como em sua dinâmica interna / ampliada; entre centro e periferia do capitalismo mundial. Para tal, escolhemos trabalhar com famílias de baixa renda, constituintes desses bairros periféricos e violentos nas cidades supra citadas, com a finalidade de compreendê-las em suas relações e espaços específicos, de maneira a apreender suas vidas, seu cotidiano, de modo mais aproximado e qualitativo (aprofundado) possível, levando-se em conta os limites da pesquisa e do relativo descompasso entre compreensão teórica e prática social. No decorrer do trabalho, nos deparamos com as dinâmicas e formas de sociabilidade desses espaços, o que nos chamou a atenção para as relações de gênero ali estabelecidas. Enquanto espaços de segregação social, encontramos uma rearticulação entre formas de sociabilidade tradicional, capitalista e das/nas ruas, bem como a reorganização familiar

Ao começar pelo bairro brasileiro (Ipiranga), como já expusemos anteriormente, encontramos um espaço marginal, na capital do agronegócio: o Ipiranga é um espaço de trabalhadores e não trabalhadores que compõe-se, internamente, em pequenos espaços de pobreza e miséria (favelas) que convivem entre si,

Poderíamos arriscar que compõe-se enquanto um “celeiro de trabalhadores, desempregados e não trabalhadores”, de todas as partes da cidade. Até por essa característica justifica-se, pelas autoridades municipais, a oferta de transportes na variedade e tamanho que ele possui.

Contrariamente ao que se pensa, a malha rodoviária em função do transporte de força de trabalho para os locais em que se precisa deles.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Podemos, à olhos nus, apenas por observação do cotidiano, constatar, pelas manhãs, ônibus e vans abarrotados de empregadas domésticas indo para a região sul da cidade, trabalhar preferencialmente nos condomínios de luxo que lá existem. Transporte rural para trabalhadores do corte de cana e linhas repletas de trabalhadores para as zonas de comércio da cidade.

As escolas e creches abrindo por volta das 7 horas da manhã para abrigar as crianças, filhos de trabalhadores, que vão cheios de sono e, por vezes, os pequeninos, chorando pelo caminho, num tempo antecipado, para garantir a chegada dos trabalhadores aos seus respectivos empregos.

Trabalhadores do mercado informal de trabalho com seus produtos e muitas vezes as sacolas e barracas improvisadas dirigindo-se à zona de comércio informal em vários locais da cidade.

À noite, o movimento em algumas de suas áreas é grande. O barulho das motocicletas, dos carros, dos consumidores que se deslocam de outras áreas da cidade para o comércio de entorpecentes. Todos os moradores sabem, mas o silêncio é reinante e ninguém nunca testemunha nada. Estratégias de sobrevivência dos espaços de segregação/exclusão.

Ao observar o nosso grupo, elencamos como aspectos significativos as relações de trabalho e não trabalho, infraestrutura e habitação, formas de sociabilidade e família para centrar as nossas análises.

Como já nos referimos anteriormente, esse é um bairro “celeiro de trabalhadores, desempregados e não trabalhadores” na cidade, com todas as características que já anunciamos.

A escolaridade é baixa, juntamente com salários e piores condições de vida e trabalho. Embora o bairro até ofereça uma rede institucional (escolas, creches, posto de saúde, etc) razoável, as condições de moradia, principalmente nos espaços favelados são precárias.

Encontramos construções antigas, pequenas, mal conservadas e superlotadas, em alguns casos sem condições básicas de moradia.

Como forma de sobrevivência, nas condições desfavoráveis em que se encontram, estabelecem relações de parentesco, vizinhança, casamentos e famílias distintas do



ideário dominante, muitas vezes, resgatando e adaptando formas de sociabilidade tradicionais para atender às necessidades e condições existentes.

O modelo de família conjugal-nuclear, embora ainda seja predominante em estatísticas gerais, no caso brasileiro, tem a proporção de 60% para famílias chefiadas pelos pais e 40% para famílias chefiadas por mulheres e parentela materna, de acordo com estatísticas do IBGE, o que nos revela uma significativa modificação desse modelo.

Em espaços periféricos, como o bairro que estamos estudando, há uma “rotatividade” de casamentos e relações conjugais, com a ausência dos homens junto às famílias, sejam como maridos ou como pais.

Deparamo-nos com inúmeras famílias baseadas no parentesco materno. Jovens mães abandonadas pelos parceiros e acolhidas de forma mais ou menos hostil pelos familiares, em decorrência de separações, divórcios ou abandonos dos homens/maridos/pais.

Assim, as mulheres/mães, responsáveis pela manutenção do grupo familiar, integram o mercado de trabalho, formal ou informal, da maneira que conseguem, a fim de cuidar de si e dos filhos. Contam, para tal, com a colaboração dos próprios pais, que acolhem a filha e os netos separados ou abandonados pelos homens, os quais, vão, reiteradamente, constituindo novos núcleos familiares que, por vezes vão deixando pelo caminho, como uma trilha de casamentos, separações, filhos e abandonos, sob a responsabilidade de ex esposas, mães e parentela materna.

Torna-se comum essa prática irresponsável dos homens/pais, que, em muitos casos, quando integram as famílias, acabam por fazer uso de álcool, drogas ou tráfico, bem como promover relações de violência doméstica junto à esposa e aos filhos.

Também tem aumentados a presença das mulheres junto à atividade e gerenciamento do tráfico, tendo em vista que os homens acabam por morrer precocemente ou vão parar na prisão, o que tem levado as mulheres a assumir suas atividades e funções junto à ilegalidade e ao tráfico.

Não queremos nos esquecer ou menosprezar os homens/maridos/pais trabalhadores e responsáveis junto ao núcleo familiar, porém cabe-nos ressaltar a emergência de tais práticas nos universos empobrecidos e segregados.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Além da inserção ampliada no mercado de trabalho e actividades paralelas à ele, na reorganização dos agregados familiares, contam com pequenos benefícios sociais regulamentados pelo estado brasileiro, os quais colaboram timidamente para a sobrevivência do grupo.

Constituem, então, um (re)arranjo ou novo arranjo nas relações com a vizinhança e comunidade. As inúmeras famílias centradas na parentela feminina aglutinam-se e reorganizam-se entre famílias ligadas pelo parentesco ampliado, pela proximidade, pela vizinhança e reorganizam sua dinâmica de funcionamento, papéis e relações, diante do novo quadro que se coloca em suas vidas.

É comum que uma das mulheres da casa cuidem da esfera doméstica/reprodutiva enquanto a(s) outra(s) ocupem seu lugar no espaço produtivo e possibilitem o sustento da família. Também é comum que uma das mulheres cuidem das crianças de mais de uma família enquanto as outras mães trabalham fora. Vizinhança e familiares solidarizam-se na ajuda mútua, principalmente em situações graves e de risco. Acabam por reestruturar papéis e relações, a fim de manter-se em condições mínimas de vida.

Além das tarefas referentes a reestruturação das novas e distintas famílias, as mulheres, movidas pela forte religiosidade, envolvem-se nas tarefas e actividades variadas na igreja e na comunidade, no intuito de buscar alternativas para uma vida melhor.

A religiosidade e as comunidades religiosas são marcantes na vida dessas mulheres e acabam por constituir-se como espaços de trabalho, solidariedade e lazer do grupo em questão.

Assim as figuras femininas, nos espaços de segregação e exclusão, representam as figuras centrais, em todos os níveis, o que contraria o ideário feminino e de família burgueses ao longo da história:

“(…) apesar de todos os entraves criados por uma herança social machista e patriarcal e por uma modernidade socialmente desigual e injusta, a mulher avança, conquista espaços, muda sua posição e sua relação com o mundo (...) a mulher nunca foi o ser passivo e masoquista proclamado por Freud (...) mulheres sempre desempenharam papéis históricos, fundamentais e exerceram funções ora individuais, ora coletivas de alta relevância social. (...) É na história das camadas populares, no entanto, que se encontram os exemplos mais expressivos de mulheres desempenhando papéis ligados à agressividade competitiva, racionalidade e outros atributos



supostamente masculinos.(...) Mulheres marchando em direção à Versalhes, durante a Revolução Francesa, para arrancar de lá a família real (...) comandando a tomada da Bastilha,(...) Mulheres órfãs em Veneza, no século XVIII, formando orquestras totalmente femininas, para serem regidas nada menos do que o grande Vivaldi. (...) Mulheres marinheiras, nessa mesma Veneza, desempenhando pesadas e perigosas tarefas e contrariando teorias sobre a delicadeza do sexo frágil.(...) Aviadoras, na antiga União Soviética, durante a Segunda Guerra Mundial, defendendo o espaço aéreo da Rússia.” (WHITAKER, D.C.A., p.12, 1994)

Igualmente, entre mulheres brasileiras, bem como no nosso bairro em estudo:

“ (...) imagens femininas inesperadas – a mulher com presença constante nas ruas, resolvendo problemas de sobrevivência, transgredindo, inovando e lutando (...) Saindo do limbo histórico, figuras surpreendentes: esposas de donatários que governavam suas capitanias pela ausência ou total incapacidade dos maridos, vendeiras que abrigavam escravos fugidos (...) e participavam do contrabando do ouro, mulheres por toda parte, sustentando famílias com seus tabuleiros de quitutes (...) Mulheres trabalhando no campo e lutando nas guerrilhas (...) prostitutas, escravas, índias – um imenso painel a ser considerado na construção deste país e que a história oficial e os livros didáticos teimam em ignorar.”(WHITAKER, D.C.A., p.12, 1994)

As mulheres, embora relegadas ao silêncio patriarcal e machista, pela brutalidade dos sistemas e dos homens, ao longo dos séculos, jamais se renderam. Ocupam, apropriando-se da nossa herança de atuação e resistência, papéis e espaços sociais para além da discriminação e ideologia.

Injustiçadas pelo sistema, pela vida e pelos homens, em suas relações violentas sistêmicas e individuais, movem o cenário social de forma marcante, sem sequer perceber isso.

Embora sejam as protagonistas do script real, quando se encontram casadas com os homens, em muitos casos, agem de maneira subalterna, submetida às vontades, opiniões e atitudes masculinas. Convivem e aceitam, em proporção relevante, sua prática machista, desde as mais amenas às mais violentas física e psicologicamente.

O argumento machista, da dominação entre homens e mulheres, apesar da prática feminina contrária, persiste nas cabeças de parte delas, o que mantém o patriarcado e o machismo em suas inúmeras metamorfoses



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

Parte das mulheres ainda procuram, no nível do ideário social, o homem/marido provedor, cuidador, companheiro, pai, que em grande proporção não existe. Negam, em suas práticas sociais, a lógica patriarcal imposta, porém a reafirmam do ponto de vista ideológico. Diferentemente dos homens que abandonam mulheres, casas, filhos, emprego, ao longo do caminho. As mulheres assumem os filhos, a família, o trabalho, porém ainda se mantêm os valores ideológicos machistas em muitas de suas práticas.

Para além do patriarcado, dos (re)arranjos familiares e conjugais, a sociabilidade nas/das ruas também é um traço presente no cotidiano desse bairro.

Como já descrevemos no ítem 2.1.2, a vida também se vivencia no espaço das ruas. Seja pela diminuição do espaço ou sobrelotação nas habitações, seja pela negligência e abandono, o que se nota são as relações expostas, visíveis no âmbito das ruas.

Brincadeiras, jogos entre crianças, relações amigáveis e não amigáveis entre parentes e amigos, na escola, no bairro, brigas entre casais, adultos, crianças e adultos, tumulto, enfim a vida e as relações se estabelecem, em parte, no espaço público, nas ruas.

Outros ainda vivem nas ruas por negligência, fuga ou abandono, (re)agrupam-se e (re)criam laços de amizade e familiares perdidos ou sequer vividos no grupo formado nas ruas e assim coabitam e convivem a partir desses novos laços.

Esses agrupamentos não são muito comuns no nosso local de análise, mas formam-se em espaços como o bairro que estudamos e de forma mais recorrente, encontramos grupos de jovens, mulheres, crianças, idosos, entre muitos, que estabelecem entre si laços de identidade, religiosos, de amizade, colaboração e rivalidade, os quais delineiam distintas relações dentro do espaço estudado.

Criando e recriando formas de trabalho, agregados familiares, articulando modos de vida e sociabilidade distintos do ideário capitalista, assim os moradores do bairro Ipiranga sobrevivem nesse espaço de segregação/exclusão.

No caso do bairro do Lagarteiro utilizamos o mesmo critério de análise ao observar o nosso grupo. Elencamos como aspectos significativos as relações de trabalho e não trabalho, infraestrutura e habitação, formas de sociabilidade e família para centrar as nossas análises



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

De modo semelhante ao bairro anterior, o Lagarteito é um espaço de trabalhadores, desempregados e não trabalhadores, em parte envolvidos com atividades ilegais e com o tráfico de drogas

A quase totalidade dos que trabalham, pela baixa qualificação profissional, desempenham ocupações pouco remuneradas. Há muita recorrência de desemprego e não é incomum que famílias inteiras vivam de benefícios sociais por longos períodos.

É possível encontrarmos, por vezes, no estacionamento dos automóveis, carrinhas comercializando produtos à preço mais barato para aquela população e tanto quanto o tráfico de drogas, todos sabem que existe, são inúmeras as famílias que têm integrantes com esse tipo de actividade e problema, mas ninguém sabe de nada. O silêncio se faz como parte das suas estratégias de sobrevivência naquele espaço.

Contrariamente ao bairro anterior, o transporte é deficitário o que dificulta a frequência à escola para adultos e jovens, aos infantários mais afastados e aos trabalhadores e moradores em geral.

A escolaridade baixa, unida ao trabalho e salários insuficientes contribuem para piorar as condições de vida no bairro, Embora o bairro até ofereça uma rede institucional razoável, isso em pouco colabora para a melhoria das condições de vida precárias da população.

Encontramos construções antigas, pequenas, mal conservadas e superlotadas, em alguns casos sem condições básicas de moradia.

Isso faz com que saiam para a rua, organizem-se e reorganizem-se em grupos por afinidade, identificação, religiosidade, solidariedade, actividades desmpenhadas, idade, enfim, uma boa variedade de fatores que restabelecem no espaço das ruas o que não pode ser vivido nas casas e nas famílias,.

No caso do uso e tráfico de drogas é comum que isso aconteça, pois grupos de jovens unidos por idade, identidade e aceitação acabam por agir de maneira gregária. Muitos optam por fumar, beber e usar drogas como traço identitário, o que pode levá-los à desestruturação individual e familiar.

Uma vez usuários, a passagem para drogas pesadas e para o tráfico como forma de manutenção do vício ou renda é um curto trajeto com consequências arrasadoras e reincidentes nas famílias e no bairro.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Desse modo, como forma de sobrevivência, nas condições desfavoráveis em que se encontram, além da sociabilidade nas ruas, estabelecem relações de parentesco, vizinhança, casamentos e famílias distintas do ideário dominante, muitas vezes, resgatando e articulando formas de sociabilidade tradicionais para atender às novas necessidades e condições do grupo.

O modelo de família conjugal-nuclear, embora ainda pareça predominante em estatísticas gerais, no caso português, temos a proporção de 30,1% de famílias conjugais e 27% de famílias chefiadas por mulheres, acentuadamente pela parentela materna, o que representa uma grande mudança na organização familiar.

Também encontramos lares de idosos e famílias múltiplas, em muitos casos, com predomínio das figuras femininas – como no caso da família múltipla analisada nesse trabalho-, o que coloca em questão o modelo conjugal-nuclear.

No bairro do Lagarteiro, há uma composição de casamentos e relações conjugais, com a ausência pronunciada dos homens junto às famílias, sejam como maridos ou como pais.

Deparamo-nos com inúmeras famílias com suas relações baseadas no parentesco materno. Jovens mães abandonadas pelos parceiros e acolhidas de forma mais ou menos hostil pelos familiares, em decorrência de separações, divórcios, situação ilegal ou simplesmente abandono dos homens.

Assim, as mulheres/mães, responsáveis pela manutenção do grupo familiar, integram o mercado de trabalho, formal ou informal ou recorrem aos benefícios sociais, a fim de cuidar de si e dos filhos. Contam, para tal, com a colaboração dos próprios pais, que acolhem a filha – normalmente com hostilidade principalmente por parte do pai - e os netos separados ou abandonados pelos homens, os quais, vão, em muitos casos, constituir novos casamentos ou núcleos familiares.

Por vezes, esses mesmos homens/pais repetem a prática anterior em suas novas relação conjugais e familiares e vão deixando pelo caminho, sob a responsabilidade das ex esposas, mães e parentela materna, famílias inteiras.

Torna-se comum e recorrente essa prática masculina, e, em muitos casos, quando esses homens integram as famílias, acabam por fazer uso de álcool, drogas ou tráfico, bem como promover relações de violência doméstica junto à esposa e aos filhos.



Cabe evidenciar que homens/pais trabalhadores e responsáveis, junto ao núcleo familiar, existem, porém é importante ressaltar a emergência dessas práticas nos universos empobrecidos e segregados.

Faz-se muito comum e de reiteradas formas a recorrência aos benefícios sociais como saída para as situações de desemprego e sobrevivência do grupo familiar frente à sua desestruturação e reorganização em diferentes formatos.

Constitui-se, então, um (re)arranjo ou novo arranjo nas relações familiares junto a vizinhança e a comunidade. As inúmeras famílias centradas na parentela feminina aglutinam-se e reorganizam-se entre famílias ligadas pelo parentesco ampliado, pela proximidade, pela vizinhança e reorganizam sua dinâmica de funcionamento, papéis e relações.

É comum que uma das mulheres da casa cuidem da esfera doméstica/reprodutiva (normalmente a avó) enquanto a(s) outra(s) ocupem seu lugar no espaço produtivo e possibilitem o sustento da família; isso quando não permanecem um longo período desempregadas e dependentes dos benefícios.

A vizinhança e familiares solidarizam-se na ajuda mútua, principalmente em situações graves e de risco. Acabam por reestruturar papéis e relações, a fim de manter-se em condições mínimas de vida. Moram amontoados numa só casa para não ficarem ao relento, ajudam-se com o pouco que possuem, enfim, colaboram entre si para amenizar a pobreza em geral.

A religiosidade fortemente marcada nas mulheres, acabam por constituir-se num traço de apoio para que mulheres e famílias inteiras, inclusive muitas unipessoais e de idosos, suportem as dificuldades do cotidiano.

Muito diferente do Brasil, encontramos casos em que algumas mulheres/mães maltratam as filhas/grávidas na adolescência, por o fazerem fora do casamento, das regras de Deus, o que torna a gravidez e a maternidade com todas as dificuldades que a caracterizam um grande sofrimento para essas jovens abandonadas.

Recebem as filhas e netos, porém as julgam, sacrificam, humilham o que reproduz o ideário religioso patriarcal cristão e muito machista, embora entre essas práticas sejam estabelecidas entre as próprias mulheres.

Também encontramos esse tipo de comportamento em famílias com maridos/pais ausentes, (como no caso analisado por nós, em famílias extensas e



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

múltiplas), em que as mulheres são responsáveis absolutas pelo funcionamento e sustento da casa, na ausência dos homens (no nosso caso, abandonando as famílias ou presos por atividades ilegais, roubo e tentativa de homicídio), onde mesmo ausentes, são quase que venerados pelo grupo familiar e toda a dinâmica do mesmo gira em torno das figuras masculinas.

De maneira impressionante, os valores ideológicos patriarcais e machistas reinam, principalmente, na cabeça e atitude de várias mulheres que, ao invés de buscar alternativas de independência, ficam cada vez mais em função da dinâmica e dos maridos ausentes.

As mulheres, acabam por aceitar a posição de relegada ao anonimato e à subordinação patriarcal e machista. Injustiçadas pelo sistema, pela vida e pelos homens, em suas relações violentas subjetivas e sistêmicas, movem-se, no cenário social, de forma marcante, mas sem sequer perceber isso, deixam os aplausos aos maridos ausentes.

Ainda procuram, no nível do ideário social, o homem/marido/pai provedor, que em grande proporção não passa de um desejo. Contrariamente, em suas práticas sociais, negam a lógica patriarcal da fragilidade, da dependência, do romantismo, da não ação, embora ainda não sejam capazes de se aperceber disso.

Diferentemente dos homens que abandonam mulheres, casas, filhos, emprego, ao longo do caminho, oprimidas pelo sistema e sua ideologia, pela vida e pelos homens, elas assumem as famílias com todos os encargos que com elas contraem, trabalham dentro e fora de casa e não tem tempo pra ser frágil, porém, em muitos casos acabam por acreditar-se menor, acreditar na ideologia patriarcal machista que as oprime.

As figuras femininas, nos espaços de segregação e exclusão, representam as figuras centrais, em todos os níveis, o que contraria o ideário feminino e de família burgueses e machistas, porém, ainda não se aperceberam disso.

Juntamente aos (re)arranjos nas relações, modo de vida e famílias podemos nos deparar com a sociabilidade nas/das ruas. Não fortemente marcada, mas bastante presente no cotidiano do bairro

Pelos mesmos motivos que isso acontece no bairro brasileiro (diminuição do espaço ou sobrelotação das habitações, negligência e abandono, relações expostas, por



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

vezes visíveis no âmbito das ruas), as pessoas ou grupos acabam por reestruturar laços de amizade, familiares, perdidos ou sequer vivenciados nas próprias famílias ou demais esferas.

Aglutinados por identificação, necessidade de aceitação, pertencimento ao grupo, solidariedade, sobrevivência, acabam por estabelecer laços diversos e específicos de solidariedade nas ruas, como forma de vida no espaço ao qual pertencem.

Temos então, a recomposição, arranjos e (re)arranjos entre famílias, modos de vida capitalista e tradicional e diferentes formas de sociabilidade entre os sujeitos nesses espaços de segregação/exclusão.

Em termos gerais, podemos afirmar que tanto famílias portuguesas, quanto brasileiras fazem parte da classe trabalhadora, tem baixo nível de escolaridade, ancoram-se na presença e gerência familiar da mãe e seus familiares, mesmo quando o pai está presente, uma vez que a presença e importância dos pais é muito menor do que das mães, nos poucos casos em que ele se encontra.

Temos como comportamento comum e recorrente mulheres jovens, mães solteiras abandonadas pelos homens e apoiadas (quando isso acontece e de maneira mais ou menos hostil) pela família materna.

A vivência familiar, em ambos os grupos, é repleta de precariedade de todas as ordens e as moradias são sempre repletas e insuficientes para as necessidades do grupo familiar

Encontramos a vinculação dessas famílias à atividades formais e não formais no mercado de trabalho, bem como à atividades ilegais, ao tráfico de drogas, ao vício (alcooolismo e uso de entorpecentes) e à violência doméstica.

De uma maneira impressionante e intrigante, encontramos em vários casos as mulheres vivendo em função de homens que sequer vivem com elas. Envolvidos com atividades ilegais, condenados, ou simplesmente ausentes, ainda permanecem na posição central do ambiente familiar, o qual move-se em torno das suas figuras, embora sejam as mulheres que cuidam e sustentam, em todos os níveis, toda a família.

Mulheres completamente independentes deles do ponto de vista financeiro, mas totalmente subservientes, afetiva e ideologicamente, às suas figuras, uma vez que nem presentes na família se encontram.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Em contrapartida, de modo mais incidente no Brasil, mulheres que se rearticulam à outras mulheres estabelecendo entre si e o grupo familiar ampliado ou a vizinhança e comunidade, uma relação de colaboração mútua para sustento e sobrevivência do grupo, o que nos levou a perceber uma reestruturação das formas de sociabilidade capitalista que incluem um resgate e rearticulação de práticas de vida características da sociabilidade tradicional, bem como a vivência da sociabilidade nas/das ruas.

Assim, entre outras características dos espaços analisados pudemos constatar a importância significativa das figuras femininas em todas as esferas sociais (familiar, social, cultural) estudadas

Bibliografia

ALMEIDA, S.S. e SAFFIOTI, H. **Violência de Gênero: poder e impotência**. São Paulo: Revinter, 1995.

ALVARENGA, A. e MALTSCHEFF, J. “ *L’espace social, un nouveau paradigme* “ in **Espaces et sociétés**, vol XXVII, n 90, 1980.

ÁRIES, P. **História Social da Criança e da Família**, Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

BAPTISTA, L.V. **Cidade e habitação social**, Oeiras: Celta Editora, 1999.

BASTOS, J.G.P. **Portugal Europeu**, Oeiras: Celta Editora, 2000.

BOURDIEU, P. **Economia das trocas simbólicas**, São Paulo: Perspectiva, 1974

_____ **A Miséria do Mundo**, São Paulo: Brasiliense, 1997

BRANDÃO, C.A.L.(org). **As Cidades da Cidade**, Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

CASTELLS, M. **Problemas de Investigação em Sociologia Urbana**, Lisboa: Ed Presença, 1975.

CEDES. **Educação e diferenciação cultural: índios e negros**, Caderno 32, São Paulo: Papyrus e CEDES, 1993

FANON, F. **Os condenados da terra**, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

FERNANDES, L. **Etnografia urbana das drogas e do crime**, Coleção Droga/Crime, Estudos Disciplinares, Gabinete do Planejamento e Coordenação do Combate às Drogas, Lisboa, 1997.

FERREIRA, A.F., **Por uma nova política de habitação**, Porto: Ed. Afrontamento, 1987.

GEERTZ, C. **A interpretação das Culturas**, Rio de Janeiro: Zahar, 1978

GONÇALVES, F. **A mitologia da habitação social**, Cidade/Campo – Cadernos da Habitação ao Território, n 1, 1978.

GROSS, M. **O alojamento social sob o fascismo**, Porto: Ed. Afrontamento, 1982.

GUERRA, P. **Tecido urbano actual – continuidade ou descontinuidade?**, in Revista de Sociologia da Faculdade de Letras do Porto, vol 1, série 1, 1991.

_____, **A cidade na encruzilhada do urbano: elementos para uma abordagem de um objecto complexo**, Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica, Universidade do Porto, Porto, 2003, (mimeo).

KURZ, R. **O Colapso da Modernização**, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

JAVEAU, C. “*Société, socialité et sociabilité dans les banlieus*”, in BOURDIN A. e outro (org) **Figures de la Ville**, Paris, Ed Aubier-Montaigne, 1985

PAIS, J. M. “*Paradigmas sociológicos na análise da vida quotidiana*”, in **Análise Social**, vol XXII, n 90, 1986.

PAULA, S.L. **Multinfância: Um olhar poliocular sobre crianças de periferia**, UNESP, Araraquara, tese de doutorado, 2001 (mimeo)

PRIORE, M.D. (org) **História das Crianças no Brasil**, São Paulo: Editora Contexto, 2007.

SEBASTIÃO, J. **Crianças de Rua – Modos de Vida Marginais na cidade de Lisboa**, Oeiras, Celta Editora, 1998.

STOLCKE, V. “Sexo está para gênero, assim como raça para etnicidade” In **Cadernos Cândido Mendes**, 20, 1991.

TEIXEIRA, M.C. **As estratégias de habitação em Portugal**, in **Análise Social**, vol XXVII, n 115, 1992.

THERBORN, G. **Sexo e Poder: a família no mundo (1900 – 2000)**, Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

VENTURA, Z. **Cidade Partida**, São Paulo: Companhia das Letras, 2008.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

ZALUAR, A **A Máquina e a Revolta: As organizações populares e o significado da pobreza.** São Paulo: Brasiliense, 1985.

WHITAKER, D.C.A. "Cultura escolar e espaço social" In **A Escola e seus Alunos: estudos sobre a diversidade cultural**, São Paulo: Editora UNESP, 1994.

_____. **A Seleção dos Privilegiados**, São Paulo: Ed Semente, 1981.

Relatórios consultados

Iniciativa Bairros Críticos - Plano de Acção e Modelo de Gestão – Operação Vale da Amoreira, Lisboa, junho 2007

Relatório Bairros Críticos de Vila Amoreira, Lisboa, 2009

Relatório de Diagnósticos - Síntese de Caracterização do Bairro do Alto da Cova da Moura, Lisboa, 2009

Relatório Final Operação Lagarteiro – uma intervenção alicerçada na participação, Lisboa, 2009

Sites e páginas da internet consultadas

<http://www.cartacapital.com.br> acessado em 12 de janeiro de 2007.

<http://www.ibge.com.br> acessado em 12 de janeiro de 2010.

<http://www.inep.com>, acessado em 12 de janeiro de 2010

<http://www.wikipédia.com>, acessado em 15 de janeiro de 2010.